

Entre o riso e o poder: comportamentos que potencializam a atuação do palhaço hospitalar em um estudo internacional*Between laughter and power: behaviors that enhance the performance of the hospital clown in an international study**Entre la risa y el poder: comportamientos que potencian el desempeño del payaso hospitalario en un estudio internacional*

DOI: 10.52641/cadcajv11i3.2120

Submitted on: 1.23.2026 | Accepted on: 1.16.2026 | Published on: xx.xx.2026

Maria Rosa da Silva¹
Wcleriston Renan Silva de Araújo²
Nadielson de Freitas Abas³
Maria Júlia Lopes de Barros Lima⁴
Susana Caires⁵

RESUMO: O ambiente hospitalar frequentemente estabelece relações de poder assimétricas que colocam o paciente em posição de vulnerabilidade. Em contraposição a essa dinâmica, a atuação do palhaço hospitalar surge como uma ferramenta de humanização. Este estudo teve como objetivo analisar as estratégias de trabalho de grupos internacionais de palhaços de hospital com mais de duas décadas de atuação contínua e bem-sucedida, buscando compreender os fatores que potencializam sua inserção e reconhecimento. A pesquisa, de natureza qualitativa e compreensiva, utilizou entrevistas semiestruturadas remotas com seis articuladores de grupos renomados do Brasil, França, Portugal e Israel. Os dados foram submetidos à Análise de Conteúdo, modalidade temática. Os resultados apontam três eixos fundamentais para o sucesso da atuação: o profundo conhecimento do cenário hospitalar e o respeito a seus protocolos; a importância de uma sólida e contínua formação artística; e o estabelecimento de uma relação simbiótica com os profissionais de saúde, baseada na comunicação e no respeito

¹ Doutora em Saúde Pública, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: maria.silva@uncisal.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7431-9266>

² Graduado em Enfermagem, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: wcleriston.araujo@academico.uncisal.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3929-3725>

³ Graduado em Enfermagem, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: nadielson.abas@academico.uncisal.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3591-7728>

⁴ Graduada em Enfermagem, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: maria.julia@academico.uncisal.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9948-3895>

⁵ Doutora em Psicologia: Psicologia da Educação, Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal. E-mail: s.caires@sapo.pt Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8670-2163>



mútuo. Conclui-se que a profissionalização, o diálogo institucional e a adaptação ao ambiente são essenciais para legitimar e fortalecer o palhaço hospitalar como um agente de cuidado integrado.

Palavras-chave: palhaços de hospital, humanização da assistência, relações profissional-paciente, comunicação em saúde.

ABSTRACT: The hospital environment often establishes asymmetrical power relations that place the patient in a vulnerable position. Counteracting this dynamic, the performance of the hospital clown emerges as a tool for humanization. This study aimed to analyze the work strategies of international hospital clown groups with over two decades of continuous and successful performance, seeking to understand the factors that enhance their integration and recognition. The research, qualitative and comprehensive in nature, used remote semi-structured interviews with six coordinators from renowned groups in Brazil, France, Portugal, and Israel. The data were subjected to thematic Content Analysis. The results indicate three fundamental pillars for successful performance: deep knowledge of the hospital setting and respect for its protocols; the importance of solid and continuous artistic training; and the establishment of a symbiotic relationship with health professionals, based on communication and mutual respect. It is concluded that professionalization, institutional dialogue, and adaptation to the environment are essential to legitimize and strengthen the hospital clown as an integrated care agent.

Keywords: hospital clowns, humanization of care, professional-patient relations, health communication.

RESUMEN: El entorno hospitalario suele establecer relaciones de poder asimétricas que colocan al paciente en una posición de vulnerabilidad. En contraposición a esta dinámica, la actuación del payaso hospitalario emerge como una herramienta de humanización. Este estudio tuvo como objetivo analizar las estrategias de trabajo de grupos internacionales de payasos hospitalarios con más de dos décadas de desempeño continuo y exitoso, buscando comprender los factores que potencian su integración y reconocimiento. La investigación, de naturaleza cualitativa y comprensiva, utilizó entrevistas semiestructuradas a distancia con seis coordinadores de grupos reconocidos en Brasil, Francia, Portugal e Israel. Los datos fueron sometidos a Análisis de Contenido temático. Los resultados indican tres pilares fundamentales para un desempeño exitoso: el conocimiento profundo del entorno hospitalario y el respeto por sus protocolos; la importancia de una formación artística sólida y continua; y el establecimiento de una relación simbiótica con los profesionales de la salud, basada en la comunicación y el respeto mutuo. Se concluye que la profesionalización, el diálogo institucional y la adaptación al entorno son esenciales para legitimar y fortalecer al payaso hospitalario como agente integrado de cuidado.

Palabras clave: payasos hospitalarios, humanización del cuidado, relaciones profesional-paciente, comunicación en salud.

1. INTRODUÇÃO

No cenário hospitalar, a relação dos cuidados prestados pelos profissionais da saúde ao paciente pode favorecer um relacionamento positivo ou negativo. O paciente depende deste cuidado para sua melhoria de saúde, sendo naturalmente colocado em uma posição de vulnerabilidade e dependência, o que o torna suscetível ao desenvolvimento de relações de poder assimétricas perante os cuidados recebidos. Essas relações se manifestam na diferença de conhecimento técnico e na autoridade dos profissionais de saúde em relação à fragilidade e à necessidade do paciente. O poder reside também na capacidade de tomar decisões sobre o tratamento e na forma como a informação é compartilhada, podendo, por vezes, limitar a autonomia e a participação ativa do paciente no seu próprio cuidado.

Uma vez que, segundo Foucault (1984), o poder não é entendido como algo que se possui, mas como uma dinâmica que permeia todas as relações sociais. No contexto hospitalar, essa dinâmica se expressa nas micro relações entre profissionais e pacientes, onde o conhecimento, a autoridade e a estrutura institucional atuam como vetores de poder. A própria estrutura hierárquica do hospital, com suas normas e rotinas, também exerce influência, moldando a experiência do paciente durante a internação. O hospital é visto como um local de vigilância constante, onde há a disseminação de crenças e práticas sociais que inibem a prática da autonomia do usuário que se encontra debilitado (Foucault, 2012).

Diante deste contexto, surge na contramão deste cenário a figura do palhaço de hospital, um profissional treinado em artes e biossegurança, que utiliza humor, fantasia e interação personalizada para proporcionar alívio emocional, distração, conforto e apoio a pacientes, familiares e à equipe hospitalar. Sua atuação vai além do entretenimento, complementando o tratamento médico e criando um ambiente mais

acolhedor e humanizado. Para Raviv (2014), o trabalho do palhaço de hospital é uma performance simbólica que favorece a comunicação emocional e a troca de experiências no ambiente hospitalar.

Assumindo que as equipes assistenciais desempenham um papel ativo e importante na vida do paciente e de sua família durante a internação, acredita-se que por meio das conversas, da arte, da fala e da escuta, bem como da contínua interação, os medos, os discursos ocultos, os ofuscamentos, as possibilidades podem ser dialogados, diante de uma relação horizontal entre o paciente e profissional de saúde (Silva *et al.*, 2021).

Na perspectiva de promoção da saúde como uma reação positiva que leva a uma percepção ampliada, integrada, complexa e intersetorial: articula ambiente, educação, pessoas, estilo e qualidade de vida. Considera que o riso pode ser incorporado como uma ferramenta. Para isso sugere o diálogo, o riso, a alegria e o palhaço, conceituando a Dialogia do Riso (Matraca; Wimmer; Araújo-Jorge, 2011).

Estes princípios corroboram com a figura do palhaço, o qual favorece auxílios terapêuticos complementares ao tratamento, a fim de um acolhimento ao paciente, diminuição do tempo de internação com redução de gastos hospitalares, bem como, auxiliam o paciente a sair do quadro agudo ou crônico da doença, visto que, os mesmos usam brincadeiras e risadas gentis para proporcionar outros caminhos para a expressão emocional e consequentemente favorecem benefícios fisiológicos (Donna; Gryski, 2008).

Diante do exposto, o estudo tem como objetivo analisar o trabalho desenvolvido por grupos internacionais de palhaços de hospital que atuam há mais de duas décadas de forma contínua e bem-sucedida, na intenção de compartilhar suas potencialidades frente às articulações, pactuações e investigações entre os grupos de palhaços promotores da saúde e os gestores dos hospitais.

2. METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como compreensivo, fundamentando-se na vivência dos participantes em seus próprios contextos sociais e valorizando a intersubjetividade na relação entre pesquisador e entrevistados (Minayo, 2016). Os critérios de inclusão foram: (i) grupos com atuação contínua em hospitais por um período mínimo de duas décadas; (ii) grupos que possuíssem produção acadêmica (publicações, apresentações em eventos, etc.) referente à atuação do palhaço no cenário hospitalar; e (iii) grupos que contassem com um articulador em sua equipe, responsável pela comunicação e negociação com a gestão hospitalar. Foram definidos como critérios de exclusão: (i) grupos que não atendessem a todos os critérios de inclusão estabelecidos; e (ii) grupos que não possuíam autorização formal das instituições de saúde para atuar em hospitais ou que não realizavam visitas hospitalares de forma estruturada e com periodicidade definida.

A coleta de dados foi realizada remotamente, via plataforma Google Meet, no ano de 2021, em adequação ao contexto da pandemia de COVID-19 vigente. Inicialmente, a pesquisadora responsável apresentou aos participantes o contexto, os objetivos e a justificativa da pesquisa, além de detalhar os aspectos relacionados à confidencialidade e ao anonimato dos dados. As entrevistas foram gravadas mediante a autorização formal dos participantes, formalizada através da assinatura online do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Autorização para Gravação da Voz.

As entrevistas individuais seguiram um roteiro semiestruturado elaborado pelos pesquisadores, abordando os seguintes eixos temáticos: (i) informações históricas do grupo; (ii) relação e interação com a gestão hospitalar; (iii) descrição da atuação dos palhaços no ambiente hospitalar; e (iv) experiências com pesquisas acadêmicas. Ressalta-se que todos os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos, os interesses e a relevância do tema da pesquisa previamente ao início da coleta de dados. Os dados coletados nas entrevistas foram transcritos integralmente e organizados sob uma perspectiva referencial teórico-metodológica que fundamentou a análise, utilizando a

técnica de Análise de Conteúdo, na modalidade temática, conforme proposto por Bardin (2016) complementada pelas anotações do diário de campo da observadora participante.

A coleta de dados somente foi iniciada após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), submetido e aprovado na Plataforma Brasil com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 48539021.0.0000.5011 e parecer nº 4.968.140/2021, em conformidade com a Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O anonimato dos participantes foi rigorosamente preservado, sendo permitida apenas a identificação dos grupos que representavam durante a entrevista.

3. RESULTADOS

A análise dos dados permitiu compreender as estratégias utilizadas para promover e manter as relações entre os articuladores dos grupos de palhaços hospitalares e a administração e equipe hospitalar. Esse alinhamento foi essencial para garantir a abertura, continuidade, eficácia e reconhecimento da atuação dos palhaços no ambiente. Observou-se que essas relações não são apenas institucionais, mas também construídas com base na confiança, no respeito mútuo e na adaptação dos palhaços às normas e diretrizes do hospital.

A amostra deste estudo totalizou seis articuladores de diferentes países: Brasil (Doutores da Alegria), França (Le Rire Médecin), Portugal (Operação Nariz Vermelho), Israel (Dream Doctors) e Rede Internacional HCRIN (Healthcare Clowning Research International Network), com representantes de diversos contextos internacionais. Os participantes possuem formações diversas: advocacia (1), psicologia (1), artes cênicas (1), CEO (1) e produção cultural (2). A heterogeneidade do grupo destaca a interdisciplinaridade necessária para a manutenção dos programas de palhaçaria hospitalar, pois envolve tanto a compreensão da gestão institucional quanto a aplicação de conhecimentos artísticos e psicológicos para aprimorar as interações no

ambiente. Importante ressaltar que todos os grupos convidados aceitaram participar da pesquisa, o que reforça o interesse e a relevância do tema para essas organizações.

No que diz respeito ao perfil da amostra, houve predominância do gênero feminino (83%). Esse dado pode sugerir um reflexo da composição geral das equipes de palhaçaria hospitalar, bem como de áreas associadas ao cuidado e mediação institucional. Quanto ao tempo de atuação, observou-se uma variação significativa entre os grupos: o HCRIN, representando a iniciativa mais recente, e o Le Rire Médecin, da França, o grupo mais antigo e consolidado. Essa diferença temporal permitiu identificar distintos estágios de institucionalização da prática do palhaço hospitalar, desde a fase inicial de inserção até a consolidação e reconhecimento dentro do hospital.

A análise qualitativa engloba estratégias que potencializam a atuação do palhaço hospitalar: Conhecimento do cenário hospitalar; Formação artística e Relação simbiótica com os profissionais de saúde.

4 DISCUSSÕES

4.1 CONHECIMENTO DO CENÁRIO HOSPITALAR

A atuação do palhaço vai além do entretenimento, exigindo uma compreensão profunda do contexto institucional e uma integração eficaz com a equipe de saúde. É fundamental que estabeleçam uma comunicação clara com os profissionais de saúde para compreender as dinâmicas do hospital. Esse alinhamento não apenas contribui para a construção de confiança, mas também permite que suas ações sejam reconhecidas como parte do cuidado holístico (Van Venrooij; Barnhoorn, 2016).

Grupos como os Dream Doctors, em Israel, destacam "a importância de um treinamento rigoroso, como uma prática paramédica que exige adaptações conforme a situação de cada paciente". Esse processo envolve entender o organograma hospitalar, respeitar protocolos institucionais e reconhecer os limites de sua atuação, elementos essenciais para garantir que o palhaço contribua de forma responsável e eficaz (Korin;

Babis, 2023). O objetivo não é uniformizar os cuidados entre os profissionais da saúde, mas entender o contexto em que o palhaço se insere, respeitando os limites de sua atuação para evitar qualquer comprometimento no cuidado do paciente. Esse entendimento também é vital para acionar os profissionais de saúde em situações que estão além da responsabilidade do palhaço (Silva *et al.*, 2021; Melo; Silva, 2019).

Segundo os Dream Doctors: "O conhecimento das dinâmicas do hospital fortalece o respeito mútuo e a parceria com a equipe médica, mostrando que o palhaço não é apenas um agente de entretenimento, mas um profissional que entende as diretrizes da instituição e atua de maneira responsável diante do quadro clínico do paciente. Essa integração se reflete no cumprimento dos Protocolos de Operação Padrão (POPs), garantindo que a atuação do palhaço não interfira nos cuidados médicos".

Os relatos evidenciam que o conhecimento institucional e a profissionalização são aspectos imprescindíveis para a consolidação da palhaçaria hospitalar. Ao compreender e respeitar os protocolos médicos, o palhaço deixa de ser visto como um elemento externo ou disruptivo e passa a integrar o ecossistema hospitalar, contribuindo de forma responsável para a humanização do cuidado. Tal integração não apenas legitima sua presença, mas também cria um ambiente colaborativo que favorece o bem-estar do paciente e o diálogo entre diferentes saberes no contexto hospitalar.

Para maximizar esses benefícios, é essencial que a atuação do palhaço seja ajustada às necessidades específicas dos pacientes e ao contexto hospitalar em que estão inseridos. Nesse sentido, Elowe *et al.* (2022) ressalta que a palhaçoterapia, baseada em contatos individuais e personalizados, exige uma compreensão profunda do ambiente hospitalar. Esse entendimento permite que o palhaço proporcione momentos de distração, ao mesmo tempo em que contribui de forma responsável para o cuidado, respeitando os limites de sua atuação e colaborando de maneira eficaz com a equipe de saúde.

Grupos como o Le Rire Médecin, na França buscou compreender a terminologia médica utilizada nos prontuários e nos mapas de enfermagem dos pacientes, além de aprender a interpretar os parâmetros dos monitores, correlacionando-os com a faixa etária e as patologias apresentadas. Esse processo permite identificar quando é

necessário acionar os profissionais de saúde, reforçando a parceria e a segurança na assistência ao paciente. Um integrante do grupo destaca: "Antes de iniciar o trabalho no hospital, realizamos uma 'Observação Dinâmica' para conhecer os profissionais, os setores de atuação e sentir o clima. Em seguida, pactuamos o trabalho que será realizado, além de uma circular para informar toda a equipe sobre as atividades que realizaremos para contribuir no cuidado à saúde do paciente. Isso eu faço de cara limpa".

Além disso, o grupo Dream Doctors, em Israel, exemplifica uma abordagem rigorosa de treinamento. Os integrantes aprendem não apenas a dinâmica hospitalar, mas também a integrar-se com a equipe de saúde respeitando os protocolos institucionais. O articulador comenta: "São cinco meses de aulas e práticas. Esse é nosso treinamento. É feito a partir das coisas que experienciamos. Como entrar num quarto, como trabalhar junto com um corpo médico... E é importante entender...".

Observa-se, portanto, que a potencialidade do palhaço hospitalar está intrinsecamente ligada à sua formação profissional, a qual ocorre independentemente de o grupo atuar de forma voluntária ou institucionalizada. Essa preparação especializada, que envolve conhecimentos em artes, saúde, biossegurança e comunicação sensível, é fundamental para que sua atuação vá além do entretenimento, tornando-se parte integrante do cuidado hospitalar.

Além disso, o conhecimento do cenário hospitalar e a adaptação à disciplina institucional estão interligados com a teoria do poder disciplinar de Foucault (1984). O hospital, enquanto instituição total, estabelece normas e rotinas que devem ser seguidas por todos os profissionais, incluindo os palhaços hospitalares. A adesão a essas normas constrói uma relação de confiança e respeito com a equipe de saúde, permitindo uma atuação mais integrada. Foucault (1984) observa que, em instituições totais, a disciplina é caracterizada pela organização dos espaços e pela vigilância constante, funcionando como um instrumento de controle. A disciplina, portanto, não só regula as ações, mas também assegura que a atuação do palhaço hospitalar seja reconhecida e aceita no contexto hospitalar.

Assim, a compreensão do cenário hospitalar, associada à adaptação à disciplina institucional, remete à teoria do poder disciplinar de Foucault (1984). O hospital, como "uma instituição total, regula não apenas os corpos dos pacientes, mas também os dos profissionais que atuam nele, impondo normas e protocolos que organizam o espaço e a prática cotidiana". O palhaço hospitalar, ao se submeter a essas normas, não está apenas cumprindo uma exigência institucional, mas também reafirmando sua função dentro do processo de cuidado, contribuindo para uma integração mais eficaz e respeitosa com a equipe de saúde.

O conhecimento profundo do hospital e a aceitação da disciplina institucional permitem que o palhaço atue dentro dos limites definidos pela equipe médica, evitando sobreposição ou interferência nos cuidados e garantindo que sua presença seja vista como uma colaboração significativa ao bem-estar do paciente. Dessa forma, ao reconhecer e se adaptar à dinâmica de poder e controle presente no hospital, o palhaço não só fortalece seu papel complementar ao tratamento terapêutico, mas também constrói uma relação de confiança mútua com os profissionais de saúde, promovendo uma atuação integrada e eficaz no cenário hospitalar.

4.2 FORMAÇÃO ARTÍSTICA

Como afirmado por Soares em seu artigo "Palhaço de Hospital: Proposta Metodológica de Formação", "o palhaço precisa se formar, se preparar e escolher, sobretudo escolher, como uma forma de atuação profissional, o trabalho com crianças no hospital" (Soares, 2007, p.23). Essa formação vai além das técnicas de palhaçaria; ela inclui a compreensão do cenário hospitalar e das necessidades emocionais dos pacientes e da equipe de saúde, permitindo uma atuação sensível e adequada ao contexto.

A relevância dessa formação se torna ainda mais evidente quando observamos os desafios enfrentados durante a pandemia de COVID-19. Entre os participantes entrevistados, muitos destacaram que equipes com pouca ou nenhuma formação artística encontraram dificuldades significativas para se adaptar ao cenário atípico, especialmente

ao migrar para a modalidade online. Para aqueles que não conseguiram se ajustar, projetos foram desativados nos hospitais, sem uma data prevista para retorno. Esse cenário reforça a importância da preparação artística, não apenas como uma habilidade técnica, mas como uma estratégia crucial para a continuidade do trabalho nos momentos de crise.

Como apontado por um representante da Operação Nariz Vermelho (ONV), "é importante ser um profissional artístico porque, na pandemia, eles precisavam se reinventar, mostrar suas diversas habilidades para se manterem interagindo com os pacientes e profissionais de saúde. Quem não tem esta formação deve ter sido mais difícil adaptação". Essa necessidade de reinvenção demonstrou que a atuação do palhaço no cenário hospitalar exige não apenas criatividade, mas também um repertório técnico sólido que permita flexibilidade diante de adversidades. Além das competências artísticas, a interação deve ser pautada pelo interesse genuíno e pela capacidade de adaptar a performance a cada situação, minimizando riscos e garantindo que a intervenção seja benéfica.

Como aponta Silva *et al.* (2022), a sensibilidade e a formação do palhaço são essenciais para perceber e atender às necessidades dos pacientes, direcionando a eles seus esforços e energia. Esses aspectos são fundamentais para evitar possíveis danos e assegurar que a presença do palhaço no ambiente hospitalar contribua positivamente para o bem-estar dos pacientes.

A habilidade de provocar risos por meio de posturas engraçadas e sábias deve ser aprendida, pois trabalhos de baixa qualidade podem comprometer a atuação do artista qualificado. Para um desempenho eficaz no cenário hospitalar, é necessário um treinamento que contemple suas particularidades e proporcione ferramentas para o desenvolvimento de competências exclusivas e fundamentais (Silva *et al.*, 2021).

Para os Doutores da Alegria: "O grupo tem um manual chamado "vide bula", detalhado passo a passo das atividades... Os artistas ficam um ano em treinamento com os Doutores..., mas o palhaço que fica em treinamento, quando ele começa a ir para o hospital, essa dupla de veteranos é quem faz a tutoria desse palhaço novo e eles criam um

itinerário. Tem essa preocupação de mostrar para os artistas como funciona o ambiente hospitalar. O teste do palhaço acontece no hospital, a última etapa. O palhaço indo para o hospital, se relacionando. Até para ele entender como funciona esse ambiente, sentir o cheio, até para ele ver se se adapta, né, porque tem gente que olha a criança e já declina, não dá conta..."

A técnica do palhaço, assim como qualquer outra habilidade profissional, exige dedicação e prática. A formação contínua fornece recursos valiosos e confiança para que os artistas improvisem com mais segurança, além de desenvolver a inteligência física e emocional necessária para lidar com desafios inesperados. Como enfatiza Dream (2018, p. 34):

A prática leva à perfeição, permitindo que o palhaço responda com sensibilidade e criatividade às demandas do hospital. Da mesma forma, a atuação do clown não se dá de forma imediata; é imprescindível uma observação cuidadosa do público para compreender suas necessidades antes de iniciar a interação. Um trabalho bem estruturado requer uma espécie de "anamnese" do paciente, garantindo que a abordagem do palhaço seja respeitosa e apropriada para cada situação (Wuo, 2011, p. 30-31).

Sobre o processo de formação direcionada dos palhaços de hospital, grupos internacionais como Le Rire Médecin, atuante desde 1988, reforçam essa necessidade: "Treine seus palhaços muito bem. Treine-os. Não ache que é suficiente colocar um nariz vermelho e ter um coração grande. E então ajudar outras pessoas. Eduque-os.

Essa preocupação também é compartilhada pelos Dream Doctors, que enfatizam a importância de uma formação que combine habilidades artísticas com conhecimento do cenário hospitalar e sensibilidade às necessidades dos pacientes. "O desenvolvimento de um código de ética e a adoção de práticas rigorosas de treinamento garantem que os palhaços possam se integrar adequadamente à equipe médica, oferecendo intervenções adaptadas que respeitem tanto o bem-estar emocional dos pacientes quanto às exigências do ambiente clínico".

Esse tipo de formação abrange não apenas a técnica performativa, mas também a adaptação às circunstâncias individuais de cada paciente. Como apontam Korin e Babis

(2023), o treinamento do palhaço de hospital não é apenas uma preparação artística, mas um processo de capacitação que envolve ética, respeito e responsabilidade dentro do hospital, permitindo uma atuação alinhada às diretrizes da equipe de saúde.

Além disso, a formação crítica e reflexiva do clown favorece uma atuação que resiste às normas sociais rígidas e valoriza a criatividade e a espontaneidade. Como destaca Miranda (2016), o trabalho corporal no processo formativo do clown estimula a liberdade de movimentos e a aceitação do erro e da imperfeição, o que confronta diretamente os ideais de corpo funcional, eficiente e esteticamente padronizado. Dessa forma, o corpo do palhaço se torna um instrumento de contestação ao modelo hegemônico, ao mostrar que o riso, a sensibilidade e a expressão autêntica podem habitar corpos diversos, fora dos padrões normativos impostos pela sociedade.

Portanto, "arrumar a mala" do clown no cenário hospitalar significa trazer elementos essenciais de uma formação contestadora, que valorize a racionalidade do sensível, a experiência estética e a desconstrução de verdades rígidas. Esse olhar crítico permite que o palhaço hospitalar vá além do entretenimento, tornando-se um agente de transformação dentro do ambiente hospitalar. Dessa forma, a formação do palhaço deve ser encarada como um processo contínuo, garantindo que sua presença seja, de fato, um fator positivo para a recuperação e o bem-estar dos pacientes. O treinamento

rigoroso, a prática constante e a adaptação sensível ao contexto hospitalar são elementos fundamentais para que a atuação do palhaço se mantenha ética, eficaz e alinhada às necessidades dos pacientes e da equipe de saúde.

4.3 RELAÇÃO SIMBIÓTICA COM OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE

A atuação dos palhaços no cenário hospitalar deve estabelecer uma relação simbiótica entre a equipe de saúde e os artistas, na qual ambos os lados interagem de maneira mutuamente benéfica para promover o cuidado integral ao paciente. O termo "simbiose", oriundo da biologia, descreve a coexistência harmoniosa entre organismos distintos (Chatelard; Cerqueira, 2015). No contexto hospitalar, essa dinâmica se baseia

em um diálogo constante, respeitando as normas institucionais e ampliando o entendimento mútuo. Assim, a humanização do cuidado é fortalecida por meio de vínculos interpessoais que envolvem tanto os profissionais da saúde quanto os pacientes.

Para que essa relação seja eficaz, é essencial que os palhaços iniciem sua atuação com uma comunicação aberta e respeitosa. Desde a entrada no hospital, a troca de cumprimentos com funcionários, momentos informais como convites para um café e conversas de "cara limpa" antes das interações lúdicas ajudam a estabelecer vínculos de confiança e empatia. Esse processo permite que os palhaços compreendam a rotina da instituição, respeitem os protocolos assistenciais e se integrem de maneira harmônica às equipes de saúde.

O fortalecimento dessa inserção depende de estratégias bem estruturadas, como demonstrado pela experiência da ONV, em Portugal, que inovou ao criar a função de "Relação Hospitalar". Estas profissionais de excelência têm a formação em produtor cultural, estabelecem um vínculo diretamente com gestão do hospital para facilitar a inserção e manutenção das atividades artísticas no cenário de saúde. É um cargo com função atípica em outros grupos de palhaços de hospital a nível internacional. Sendo pioneiro e inovador.

De acordo com a definição apresentada pela própria ONV, o produtor cultural atua como mediador entre a missão artística do grupo e as exigências institucionais do hospital, sendo responsável por negociar agendas, articular protocolos, adaptar as intervenções ao contexto hospitalar e manter o diálogo com os setores administrativos. Segundo Silva (2020), esse papel é essencial para garantir a continuidade, a legitimidade e a valorização do trabalho dos palhaços na área da saúde, pois articula diferentes lógicas a do cuidado técnico e a da criação artística promovendo um ambiente propício à atuação sensível e qualificada dos palhaços hospitalares.

Para ONV: "A gente visita todos os setores de atuação nos hospitais de "cara limpa", apresentando as propostas de trabalho, pactuado desde o espaço para troca de vestimentas e guarda de material, como também, alimentação, visto que em alguns locais é necessário um turno extenso de trabalho para atender a quantidade de leitos. Escalas

de trabalho, remanejamento de duplas, perfil que atenda o hospital, logística de traslado, garantia de estacionamento dos carros da equipe".

A presença constante das Relações Hospitalares no grupo ONV constitui uma importante estratégia para garantir a qualidade e a continuidade do trabalho artístico nos hospitais. Essa função se baseia em uma escuta ativa, tanto dos profissionais de saúde quanto dos próprios palhaços, bem como na análise dos feedbacks das atividades realizadas em tempo real. Essa escuta permite mapear tensões, prever conflitos e agir preventivamente diante de possíveis desalinhamentos com as demandas da instituição de saúde, o que contribui para a sustentabilidade da atuação.

Essa dinâmica de escuta e mediação revela o exercício de práticas de poder que não se concentram em um único agente, mas circulam entre sujeitos e estruturas. Segundo Barreto e Bertani (2005), o poder não é uma coisa que se possui, mas uma relação que se efetiva nas interações. No caso dos palhaços hospitalares, as relações de poder se constroem nos espaços de negociação simbólica e prática com os gestores, equipes de saúde e representantes institucionais. Estar presente, escutar, negociar e adequar a linguagem do riso ao ambiente biomédico são formas de exercício de poder não no sentido de dominação, mas de articulação e construção de legitimidade.

De acordo com uma representante da ONV: "Existe a proximidade no sentido de trazer para a associação como esse trabalho chega, por meio dos profissionais de saúde. E ao mesmo tempo é uma forma de fomentar o conhecimento sobre o que nós fazemos junto a esses profissionais porque às vezes ainda tem uma confusão: são voluntários ou não? São profissionais? Então, como é isso? Ainda há um desconhecimento no hospital." Essas trocas ajudam a consolidar a imagem do palhaço como profissional de saúde complementar, fortalecendo vínculos e possibilitando formas mais estáveis de inserção.

No Brasil, o grupo Doutores da Alegria adota uma função análoga à da Relação Hospitalar, intitulada Relações Institucionais. Essa função tem como objetivo "zelar pelas relações com os governos e com os órgãos públicos com os quais a organização dialoga". Na ocasião da entrevista, essa atividade era conduzida por uma profissional com formação em advocacia, que destacou a importância de sua expertise no campo jurídico e do

terceiro setor para articular e mediar parcerias. Segundo ela, "eu carrego muito essa questão do 'advoca-se' dentro dos Doutores e isso facilita o trânsito, o diálogo com esses órgãos".

O trabalho das Relações Institucionais pode ser compreendido como uma potencialidade estratégica para os palhaços hospitalares, uma vez que atua na construção de pontes entre o universo artístico e o institucional. No entanto, também envolve desafios significativos, como o de manter a identidade artística do grupo sem se descaracterizar diante das exigências formais dos editais, convênios e políticas públicas. Além disso, mesmo quando o trabalho é realizado em regime voluntário, exige-se comprometimento, contratos formalizados e reconhecimento institucional, o que evidencia o quanto a atuação do palhaço no hospital transita entre o lúdico e o político, entre o sensível e o burocrático.

Mesmo sendo um trabalho considerado voluntário, a ação é realizada com compromisso e seriedade. A mesma entrevistada acima relata que, se faz necessário um contrato oficial por escrito quanto à parceria de ambos, tendo conhecimento desde a direção até a gestão local do setor de internamento, ambulatório e segurança. Os profissionais precisam ter conhecimento do trabalho que está sendo desenvolvido no hospital, como também foi citado pela entrevista com relação a entrega de relatório sobre o trabalho que foi desenvolvido, pacientes atendidos, desafios do grupo e metas alcançadas.

Considerando que o hospital apresenta interesses econômicos, o palhaço, além de conhecer o funcionamento do seu cenário de atuação e domínio do jogo, precisa compreender de que modo o seu trabalho contribui no cuidado à saúde do paciente, utilizando uma linguagem compreensiva e atenta à necessidade do órgão gestor, atuando enquanto parceiro do profissional de saúde no cuidado ao paciente.

Foi ressaltado por todos os representantes dos grupos entrevistados que deve haver uma pactuação quanto à devolutiva do relatório, seja mensal ou semestral. Havendo renovação do contrato da equipe no hospital anualmente por escrito e assinado pela gestão, este documento aborda uma relação simbiótica. Também é sugerido compartilhar

o saber do palhaço com a equipe hospitalar. Neste formato, a ONV relata: "realiza diversas ações como: convites formais aos profissionais do hospital para participarem da formação do grupo, assim é possível trocar conhecimento; uma oportunidade de oficializar o apoio e compromisso do hospital com a equipe, porque este contato amplia o entendimento de ambos os trabalhos; sugerir o apoio do setor de controle de infecção hospitalar a uma capacitação na temática de biossegurança para os palhaços de hospital. Em contrapartida às oficinas ofertadas ao grupo de palhaços, os profissionais do hospital podem participar, de acordo com seus interesses nas temáticas".

Para Silva, Caires e Antunes (2020), o contato e a interação dos palhaços de hospital com os profissionais de saúde promovem uma visão holística da saúde, para a flexibilização das normas e rotinas hospitalares, contribuindo para tornar o espaço hospitalar num lugar mais agradável e saudável, criando condições à reflexão e à aprendizagem, à cumplicidade e confiança nas relações, ao encontro humano. A existência de programas de encontro e formação dos profissionais de saúde com os palhaços pode criar janelas de oportunidades que resgatam a dimensão humana para além da ciência e da técnica que a formação universitária proporciona (Caires; Masetti, 2015).

Comparando o trabalho dos palhaços nos hospitais com as relações de proximidade de uma "empresa com os funcionários". Pode-se citar Da Matta (1983), que menciona os rituais (entendidos neste estudo como encontros, palestras e treinamentos) das empresas, são formas de dizer coisas ou demonstrações de relações tanto sagradas como profanas, são instrumentos que permitem maior clareza às mensagens sociais. É através do ritual que a ideologia surge de forma explícita ou implícita nas relações estabelecidas dentro da organização. Para Barreto e Bertani (2005), estas relações são chamadas de "rituais do poder", sendo considerada uma forma de controle, socialização e disciplina. Muitas empresas utilizam-se de programas de socialização preparando os "funcionários" para ocupar um determinado cargo, ocorrendo um intenso processo de sensibilização de valores que o mesmo deverá internalizar, desempenhando a função almejada de forma plena ao empregador.

Assim, a atuação dos palhaços hospitalares transcende o entretenimento, consolidando-se como uma prática integrada ao cuidado em saúde. A relação simbiótica estabelecida entre os artistas e a equipe hospitalar demonstra que, quando há diálogo, pactuação e reconhecimento mútuo, o trabalho é potencializado, beneficiando tanto os profissionais quanto os pacientes.

5. CONCLUSÃO

A pesquisa contribui no campo da palhaçaria hospitalar ao reunir perspectivas internacionais que revelam as singularidades e os pontos de convergência da atuação desses grupos. Espera-se que os achados possam estimular novas pesquisas, fomentar políticas públicas de incentivo à arte no cuidado em saúde e fortalecer a profissionalização e o reconhecimento social do palhaço hospitalar como agente de transformação simbólica, afetiva e cultural.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, S. A. P.; BERTANI, I. F. Rituais do poder nas organizações de saúde. **Serviço Social & Saúde**, Campinas, v. 4, n. 4, p. 1–156, maio 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos nas Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 24 maio 2016.

CAIRES, Susana; MASSETTI, Morgana. Uma pedagogia através do olhar do palhaço no contexto de saúde: subsídios para humanização pediátrica. **Revista de Ciências da Educação**, Americana, n. 33, p. 39–57, 2015.

CHATELARD, D. S.; CERQUEIRA, A. C. O conceito de simbiose em psicanálise: uma revisão de literatura. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 257–271, dez. 2015.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DONNA, Karen; GRYSKI, Christine. **The child threatened with life and the clown who improves life: towards a model of therapeutic clowning**. Toronto: Department of Child Life, Hospital for Sick Children, 2008.

DREAM, Cyrille. **O palhaço que existe em você: seja um palhaço, seja você mesmo**. Tradução para o português. Coleção Clownplanet. 1. ed. [S.l.]: Clownplanet, 2018.

ELOWE, R. *et al.* Conexões entre artes circenses terapêuticas e terapia dramática: uma análise qualitativa de conteúdo de processos centrais. **Drama Therapy Review**, Bristol, v. 8, n. 1, 2022. DOI: https://doi.org/10.1386/dtr_00109_1.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

